

# HISTÓRIA, PUBLICIDADE E A MANUTENÇÃO DE DESIGUALDADES: AS REPRODUÇÕES E REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES EM PROPAGANDAS

**HISTORY, ADVERTISING AND THE MAINTENANCE OF INEQUALITIES: REPRODUCTIONS AND REPRESENTATIONS OF VIOLENCES AGAINST WOMEN IN ADVERTISEMENTS**

Marcela Souza Santos<sup>1</sup>  
Aurelice de Freitas Luciano<sup>2</sup>  
Kauane Rodrigues Marinho<sup>3</sup>  
Maria Eduarda Santos Sousa<sup>4</sup>

## RESUMO

O espaço escolar não está deslocado da sociedade e dos acontecimentos de nosso tempo. Entendemos a escola, para além da formação intelectual e técnica, como um espaço de formação para a cidadania e para o respeito aos direitos humanos. Nesse sentido, buscamos escrever sobre nossa experiência no desenvolvimento de oficinas e outras intervenções no espaço escolar que mobilizaram um importante tema em nossa sociedade: as violências contra as mulheres. Realizamos atividades voltadas para o debate desse tema, buscando compreender como historicamente diversos discursos reforçaram determinadas concepções preconceituosas e de inferiorização sobre as mulheres. As principais fontes utilizadas por nós foram propagandas, além de músicas e dados estatísticos, que permitiram importantes reflexões com os alunos das turmas de terceira série da Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Luiz Gonzaga Fonseca Mota sobre a construção histórica de relações desiguais em nossa sociedade.

**Palavras-chave:** História. Publicidade. Violência contra mulheres. Direitos humanos.

## ABSTRACT

*The school environment is not offset from reality and from the events of our time. Beyond the technical and intellectual formation, we perceive the school as a space for citizenship and respect to human rights. In this sense, we aim to write about our experience in the development of workshops and other kind of interventions in the school environment which can mobilize the discussion of an important subject in our society: violence against women. We performed activities directed to debate this subject by trying to understand historically how several speeches reinforced certain limiting and prejudiced conceptions about women. The main sources used by us, likewise songs and statistics, were available and propagated through culture. This allowed relevant reflections to students from grades of the third year of high school in the Luiz Gonzaga Fonseca Mota School, reflections about historic construction of unequal relations in our society impacting the life of millions of women every day.*

**Keywords:** History. Publicity. Violence against women. Human rights.

1. Mestra em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professora da rede pública estadual na EEEP (Escola Estadual de Educação Profissional) Luiz Gonzaga Fonseca Mota.

2. Estudante da EEEP (Escola Estadual de Educação Profissional) Luiz Gonzaga Fonseca Mota.

3. Estudante da EEEP (Escola Estadual de Educação Profissional) Luiz Gonzaga Fonseca Mota.

4. Estudante da EEEP (Escola Estadual de Educação Profissional) Luiz Gonzaga Fonseca Mota.

## 1. INTRODUÇÃO

No espaço escolar são reproduzidas as relações, discursos e demais experiências da sociedade, pois a escola é parte dela. Entendemos que a escola é um ambiente, que além da formação de saberes relacionados aos currículos de componentes curriculares, é também um espaço de debates de assuntos relacionados aos interesses da formação humana e cidadã dos estudantes. Nesse sentido, buscando compreender as representações culturais da mulher, do feminino e de como esses discursos interferem e/ou contribuem com as violências contra as mulheres, desenvolvemos oficinas e outras intervenções no espaço escolar que mobilizaram o debate sobre a reprodução das violências e estereótipos sobre mulheres na produção publicitária. Houve também o diálogo com outras fontes históricas, o qual trouxe a tona a percepção de como as mulheres foram representadas nas propagandas utilizadas e relacionando estas representações com discussões sobre direitos das mulheres, assim como relações estruturais que continuam se reproduzindo na sociedade e debatendo como os discursos publicitários apresentaram determinadas concepções preconceituosas e violentas sobre mulheres.

Consideramos essencial desconstruir junto a juventude estereótipos e arquétipos propagados pela publicidade, questionando assim as estruturas e discursos presentes na sociedade que reforçam a reprodução de violências. Estas discussões são fundamentais dentro do ambiente escolar, buscando promover debates que questionam as estruturas violentas de nossa sociedade e fortalecendo nossa democracia e valores como igualdade, equidade e respeito. Debates como esses são necessários e estão em consonância com legislações das quais o Brasil é signatário, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, assim como outras legislações de nosso país, como nossa Constituição.

Nossos objetivos eram discutir as representações culturais das mulheres e do feminino através das publicidades, compreendendo que discursos são reforçados ou contestados sobre violências contra mulheres. Além de promover o debate sobre direitos humanos e direitos das mulheres.

Realizamos oficinas com diversas propagandas/publicidades privadas e públicas, além de músicas, dados estatísticos e a produção de fanzines, que permitiram importantes reflexões com os alunos das turmas de terceira série do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Luiz Gonzaga Fonseca Mota, sobre a construção histórica de relações desiguais em nossa sociedade e de mecanismos de reprodução e manutenção da violência contra as mulheres.

Este artigo apresentará a nossa experiência através do desenvolvimento das oficinas e do debate promovido, demonstrando a importância desses temas na formação para a cidadania no espaço escolar.

A partir das intervenções realizadas, podemos observar como tais discussões são fundamentais na busca da

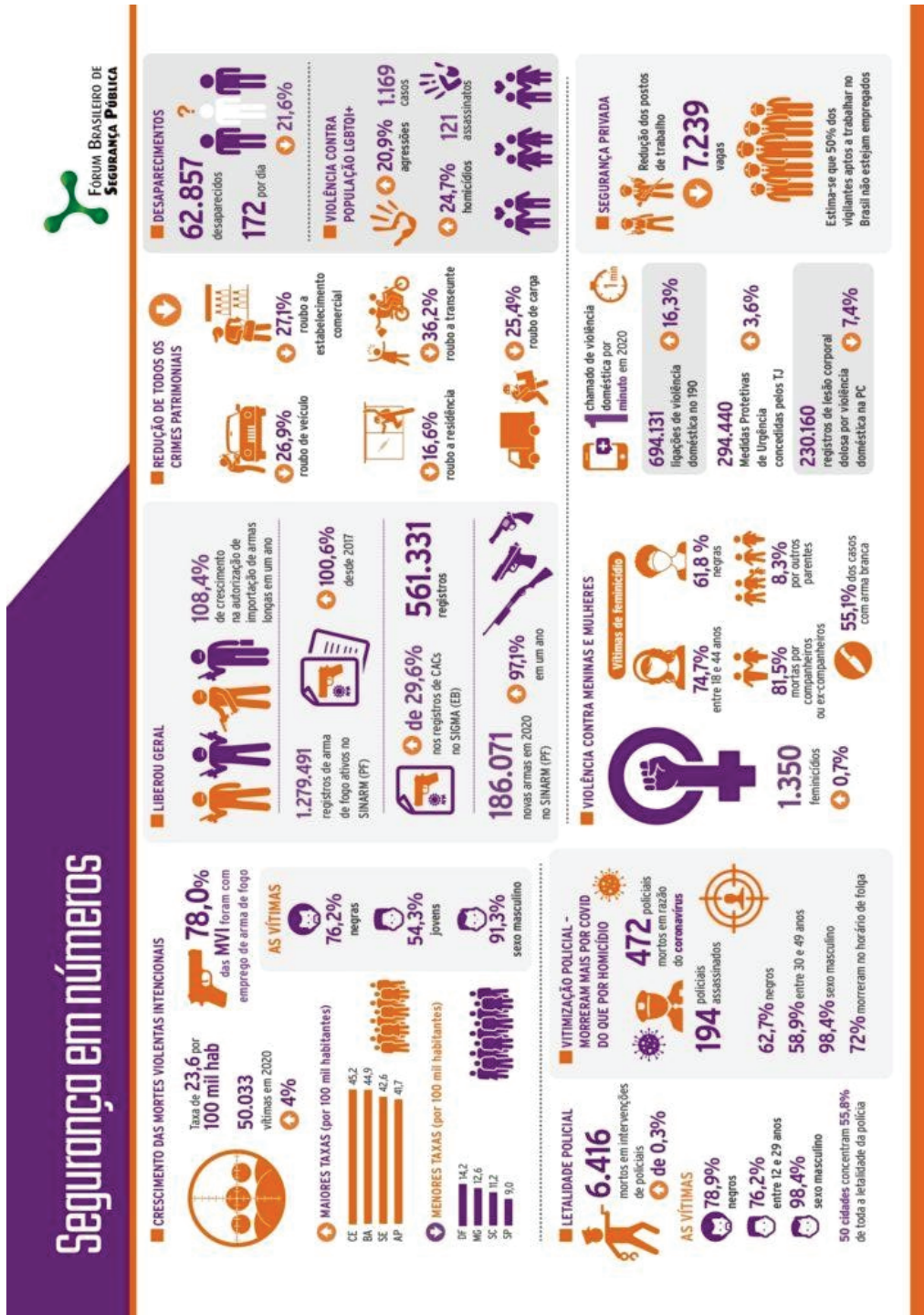
promoção dos direitos humanos e da democracia, do respeito, da equidade e da igualdade em nossa sociedade. Além disso, constatamos o protagonismo estudantil através das contribuições dos estudantes na construção do debate, bem como nas sugestões e encaminhamentos do projeto para atividades que envolvem também o público externo, seja através das redes sociais, como através da divulgação científica e do debate social com profissionais especializados no tema.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A historiadora Joan Scott (1995, p. 86) enfatizou que gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. As relações sociais entre homens e mulheres historicamente têm sido marcadas por desigualdades, em que muitos discursos reforçam a ideia de superioridade dos homens sobre as mulheres. Segundo o 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021), "foram registrados 1.350 casos de feminicídios no Brasil em 2020, um crescimento de 0,7% com relação a 2019. Desse total, 74,7% das vítimas tinham entre 18 e 44 anos, 61,8% das mulheres eram negras e 81,5% foram mortas pelos companheiros ou ex-companheiros."

Importantes iniciativas podem ser apontadas como formas de enfrentamento à violência contra as mulheres no Brasil, desde as lutas de movimentos sociais e grupos da sociedade civil, os mecanismos legais, como a Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, que garante direitos que protegem mulheres contra a violência doméstica e familiar. Conforme podemos perceber na imagem representada abaixo, produzida com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, dos 1350 feminicídios cometidos contra meninas e mulheres, cerca de 81,5% foram cometidos por companheiros e ex-companheiros e cerca de 61,8% das mulheres vitimadas eram negras.

Figura 1: Segurança em Números.



Fonte: Dados Fórum Brasileiro de Segurança Pública no site do Instituto Patrícia Galvão.

A violência contra as mulheres é uma violência de gênero, que acontece pelo fato de serem mulheres e de elementos da cultura que colocam esses sujeitos em situações de vulnerabilidade e desigualdades. Embora percebamos que ao longo da História a violência contra a mulher tem persistido, PARKER (2000, p. 103) ressalta importante perspectiva:

[...] a desigualdade de gênero e a opressão sexual não são fatos imutáveis da natureza, mas sim artefatos da história, ajudando a nos fazer lembrar que as estruturas da desigualdade e da injustiça, que tão frequentemente parecem organizar o campo sexual, bem como outras formas de injustiça social, podem, de fato, ser transformadas através da ação intencional e de iniciativas políticas progressistas.

Acreditamos que a mudança na sociedade brasileira e em seus preocupantes índices de violência contra mulheres envolve não apenas a aplicabilidade de mecanismos de punição, mas também um amplo debate sobre esse tema. Nessa perspectiva, entendendo o impacto que a educação pode ter sobre os sujeitos, essa intervenção foi pensada e realizada com os estudantes dos terceiros anos.

Segundo TELES e MELO (2002, p. 16):

O conceito de violência de gênero deve ser entendido como uma relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher. Ele demonstra que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçadas pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas. Ou seja, não é a natureza a responsável pelos padrões e limites sociais que determinam comportamentos agressivos aos homens e dóceis e submissos às mulheres. Os costumes, a educação e os meios de comunicação tratam de criar e preservar estereótipos que reforçam a ideia de que o sexo masculino tem o poder de controlar os desejos, as opiniões e a liberdade de ir e vir das mulheres.

Partilhamos da perspectiva de TELES E MELO, que compreendem a violência e as desigualdades enfrentadas socialmente pelas mulheres enfrentam socialmente como uma construção histórica, as quais foram se consolidando ao longo dos tempos e das experiências sociais das pessoas. Esses mecanismos de violência e de sua reprodução estão presentes em nossos costumes e em nossa cultura e como defende SCOTT (1995, p. 86) são uma primeira forma de dar significado às relações de poder.

Nesse sentido, defendemos que as mudanças na cultura e nas relações sociais são impactadas por discursos, políticas públicas e pela atuação dos sujeitos no tempo e no espaço. Acreditamos que as abordagens no campo da educação, os debates sobre o tema, bem como uma abordagem histórica da construção dessas desigualdades nos permitem não apenas entender como elas operam, mas atuar socialmente para que elas sejam transformadas.

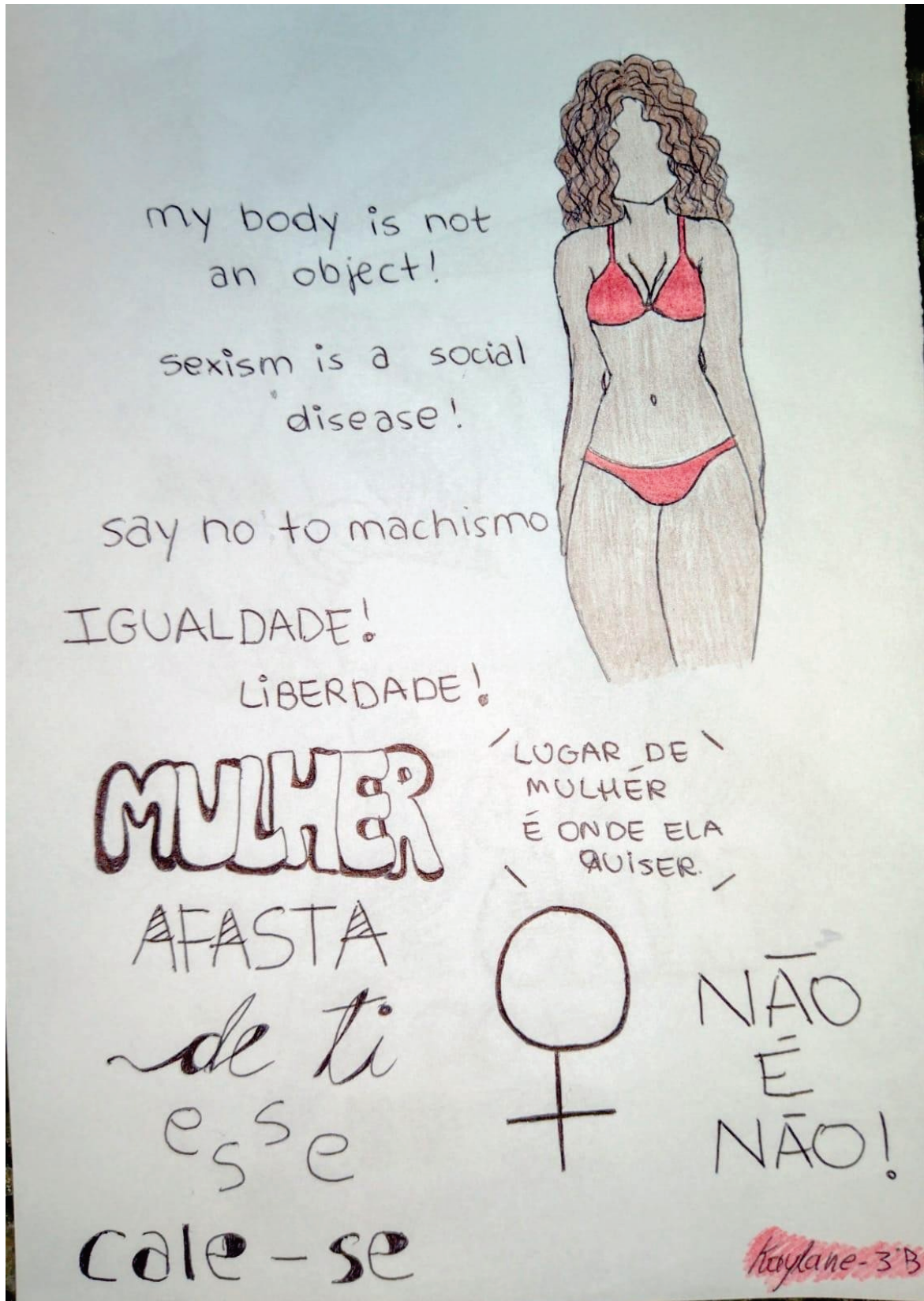
### 3. METODOLOGIA

Iniciamos com a apresentação dos participantes da atividade e, em seguida, exibimos propagandas aos alunos, indagando-lhes acerca de suas interpretações sobre cada uma delas. As propagandas selecionadas são de diversos segmentos, como cerveja, cosméticos, automóveis, joalheria, vestuário e cigarros [charuto], dentre outras, que representavam mulheres em posições de submissão e objetificação.

A partir das propagandas e das impressões dos estudantes, debatemos como as representações na publicidade são uma parte das experiências femininas no cotidiano e não apenas no campo da imagem e do discurso. A presença discursiva e imagética na publicidade são uma evidência de que a sociedade tem experiências cotidianas de hiperssexualização de mulheres negras, do ideal branco como puro e das mulheres como produto e objeto para satisfazer as vontades masculinas. As propagandas utilizadas eram das décadas de 1960 a 2000.

Discutimos com os alunos como a violência contra a mulher foi se construindo e se consolidando historicamente em processos que envolveram tensões sociais com movimentos de direitos e emancipação das mulheres. Junto às propagandas, levamos alguns dados estatísticos sobre salários, condições econômicas e de trabalho, buscando compreender se existem relações entre as representações das mulheres nessas propagandas e a vida cotidiana. Após esses momentos, levamos duas músicas. A primeira é "Se te agarro com outro, te mato" (1977) interpretada pelo cantor Sidney Magal e a segunda "Maria da Vila Matilde", de Elza Soares, lançada no ano de 2015. O objetivo com as músicas foi interpretar como, apesar das reproduções de muitos estereótipos violentos contra as mulheres ao longo da história, existem importantes avanços na luta por direitos e que são sentidos no imaginário social e na produção artística, assim como na legislação, com a promulgação da Lei Maria da Penha no ano de 2006. Finalizamos as oficinas com a produção de fanzines, expressando as impressões e produções dos alunos e alunas sobre o debate promovido.

Figura 2: Fotografia de material produzido na oficina de fanzines com alunos do 3º ano.



Fonte: Elaboração própria [2021].

Após esse momento da oficina, ficou decidido que outras ações poderiam ser elaboradas e difundidas para que esse debate tivesse um alcance além da sala de aula. O encaminhamento foi a criação de um perfil no Instagram para divulgação dos fanzines, divulgação de material que busque promover o debate dos direitos das mulheres e de igualdade social, além da ideia de convidar profissionais com experiência neste tema para promover lives.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sociais se operam com as intervenções dos sujeitos na sociedade e com as percepções de que a cultura se transforma com essas ações das pessoas no tempo e no espaço. Percebemos o interesse dos alunos em debates que envolvem a situação das mulheres na sociedade brasileira, de entender como produções publicitárias reproduziram e ainda reproduzem perspectivas que acabam representando mulheres como sujeitos inferiores, reforçando estereótipos e imaginários socialmente construídos de submissão, inferioridade e desigualdade. Com a percepção desses estereótipos a imensa maioria dos estudantes se posicionaram e buscaram entender como essas propagandas foram produzidas e como não foram questionadas em seus contextos de produção e circulação. Os debates e falas dos alunos participantes, assim como o interesse em ações que permitam que essa oficina realizada tenha seu material divulgado demonstra a importância que ela repercutiu nos alunos. Acreditamos que as transformações na cultura não são rápidas e demandam inúmeros processos, mas que as iniciativas e intervenções que começam a questionar os lugares de desigualdades podem ser um caminho. O protagonismo de alunos, debates dentro e fora da escola e novas perspectivas que defendem os direitos das mulheres e coloquem-se contra as inúmeras violências que as mulheres historicamente sofrem na sociedade brasileira representam um exercício de cidadania e um passo para construção de uma sociedade menos desigual e violenta.



---

## REFERÊNCIAS

ANUÁRIO Brasileiro de Segurança Pública: 2021. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/> Acesso: 10 out. 2021.

INSTITUTO Patrícia Galvão. 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. [s. d.]. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/anuario-brasileiro-deseguranca-publica-fbsp-2021/> Acesso em: 12 out. 2021.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. [Digitalizado].

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez.1995.

TELES, Maria A. de Almeida; MELOS, Mônica. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2012. [Coleção Primeiros Passos].